

A NECRÓPOLE DA MARATECA (LAGOS, PORTUGAL). ANEXO PARA A SUA INVESTIGAÇÃO.

THE NECROPOLIS OF MARATECA (LAGOS, PORTUGAL). APPENDIX FOR ITS RESEARCH.

CARLOS PEREIRA

(UNIARQ) CENTRO DE ARQUEOLOGIA. FACULDADE DE LETRAS. UNIVERSIDADE DE LISBOA)

✉: carlos_samuel_pereira@hotmail.com

Fecha de recepción: 08 / 05 / 2012 / Fecha de aceptación: 27 / 03 / 2013

ANÁLES
DE ARQUEOLOGÍA
CORDOBESA
NÚM. 23-24 (2012-2013)

RESUMO

Com este trabalho pretendemos deslindar por fim a “estória” de um sítio da arqueologia portuguesa sobre o qual, como tantos outros, se conhecem muitas referências sem, contudo, termos um conhecimento profundo dos seus antecedentes. Efectivamente sempre se relacionou o achado deste sítio com os trabalhos efectuados por Estácio da Veiga no final do século XIX e especialmente com as “expedições” de Santos Rocha ao sul algarvio. Podemos agora afirmar também que não foram apenas estes investigadores que dedicaram o seu tempo ao sítio.

O enquadramento crono-geográfico do local foi outro dos temas que, de alguma forma, sempre foi evitado. São poucos os materiais que permitem ter uma baliza temporal precisa, da mesma forma que são esguias as informações que permitam obter a localização exacta das áreas escavadas e das sepulturas exploradas.

Palabras-chave: Historiografia, necrópole, material cerâmico, Antiguidade Tardia.

ABSTRACT

With this work we will reveal the history of a Portuguese archeological site about which, like many others, we know little. We always related the finding of this archeological site with Estácio da Veiga work, in the end of XIX century, and with the expeditions of Santos Rocha to the south of Algarve. Now we can say that didn't only this too researchers explored the necropolis of Marateca (Lagos, Portugal).

The chrono-geographical framework was another theme that always was avoided. There are few ceramics allowing dating the necropolis, as the same way are slender the information to get the exact location of the graves excavated.

Key words: Historiography, necropolis, pottery, Late Antiquity.

1. INTRODUÇÃO E ANTECEDENTES

Desde há muito que a necrópole da Marateca (Lagos, Portugal) é do conhecimento da comunidade científica (**Lám. 1**). No entanto, pouco sabemos das suas características, cronologia precisa e espólio. Desconhecemos o motivo pelo qual esta necrópole não suscitou o mesmo interesse como outros sítios míticos da arqueologia portuguesa. Não obstante, certo é que nem mesmo Estácio da Veiga ou Leite Vasconcelos parecem ter investido os seus esforços em sondá-la.

De Estácio da Veiga, evocado pai da arqueologia portuguesa, não encontramos refe-

rência alguma a esta necrópole na sua vasta obra publicada. Mas se nos trabalhos publicados não faz qualquer referência à necrópole da Marateca, sabemos de algumas indicações transmitidas pela sua descendente, Maria Luísa Estácio da Veiga, que deduzimos fazer nos seus manuscritos (SANTOS, 1971, 375). Mesmo nos póstumos manuscritos do quinto volume das “Antiguidades Monumentais do Algarve”, publicados no “O Arqueólogo Português” não aparece nenhuma referência à necrópole da Marateca (VEIGA, 1904; 1905; 1910).

Mais curioso ainda é o facto de os materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia não figurarem sequer nos inven-



LÁM. 1: Localização da necrópole da Marateca (Lagos, Portugal).

tários efectuados pelo próprio, nem no inventário de 1873, nem no inventário de 1885. Esta ausência na informação herdada do arqueólogo algarvio obriga a supor que as quatro peças depositadas neste museu possam ter sido recolhidas por Leite Vasconcelos.

Foi, contudo, Santos rocha quem mais se interessou por este sítio (1896). É, de facto, o primeiro investigador a escutar esta necrópole, aquando da sua segunda expedição ao Algarve. No entanto, o próprio admite que *“Ao princípio pouco nos interessara a descoberta; mas quando ele nos apresentou em sua casa um vaso de barro fabricado à mão; (...) ficamos com o vivo desejo de aproveitar uma nova excursão a Lagos, para explorarmos o sítio.”* (ROCHA, 1896, 68). Como vemos, não era objectivo intervir nesta necrópole. As excursões de Santos Rocha ao Algarve foram premeditadas e levavam objectivos claros, os quais não coincidiam com o esquadrihar deste sítio (ARRUDA e PEREIRA, 2012, 136-137). Mas quando vê os materiais, onde julga ver *“feições primitivas”* associados a *“bronzes”* romanos, Santos Rocha fica determinado a comprovar que estes coexistiram.

Santos Rocha não faz qualquer referência à passagem de Estácio da Veiga por este sítio, realidade que nos obriga a ponderar que, de facto, o pioneiro algarvio poderá nunca ter estado presente neste sítio. Santos Rocha sempre fez jus aos trabalhos prévios do seu predecessor, respeitando as suas informações e conservando o mérito dos seus inéditos trabalhos.

Da intervenção efectuada por Santos Rocha na necrópole da Marateca (Lagos, Portugal), resultou apenas a recolha de um *“vaso de barro”* (ROCHA, 1896, 71), embora no museu da figueira esteja depositado um

outro que, acreditamos, terá sido aquele oferecido pelo reverendo Nunes. Nas reservas do Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz, Portugal) apenas podemos constatar a presença de uma das peças, referimo-nos, precisamente, ao jarro de cerâmica manual. Do outro vaso, desconhecemos o paradeiro. Não obstante, ambos estão registados no catálogo efectuado pelo próprio (ROCHA, 1905, 94 e 142), onde é referida também a recolha de dois *“bronzes”* (CATARINO, 2007, 183). Do próprio não temos conhecimento da recolha de moedas. Admitimos que José Joaquim Nunes apresentou *“dois bronzes”* a Santos Rocha os quais não parecem ter sido cedidos, como aconteceu com o vaso (ROCHA, 1896, 68).

Nove anos após a passagem de Santos Rocha pela Marateca, em Setembro de 1895, também Leite Vasconcelos vira a sua atenção para este local. No ano de 1904, foram cedidas um conjunto de quatro peças e material osteológico a Leite Vasconcelos pelo Capitão Joaquim Cândido Correia provenientes desta necrópole. Mais sabemos que, o capitão, aí terá escavado até um mínimo de quatro sepulturas.

Em correspondência tida entre ambos, Joaquim Correia expressa a sua vontade em escavar no local, talvez pela segunda vez, afirmando que *“...depois das colheitas levantadas procederei a algumas escavações ali, ou n'outras partes em que haja probabilidade d'encontrar algumas antiguidades...”* (Lám. 2). Não obstante, não temos qualquer referência de que o capitão tenha aí escavado após esta epístola, da mesma forma que desconhecemos se os materiais foram cedidos em conjunto ou separadamente.

Também as fichas de inventário do Museu Nacional de Arqueologia, das respectivas

Carta V. Pedro Antonio Correia
 5634 O deminho

O Capitão
 Joaquim Candido Correia

agradecendo a presenca de V. Ex.
 envio a inclosure, pedindo desculpa
 de o nao ter feito mais cedo por
 ter estado fora de Lagos, continuan-
 do sempre ao dispor de V. Ex. Lagos

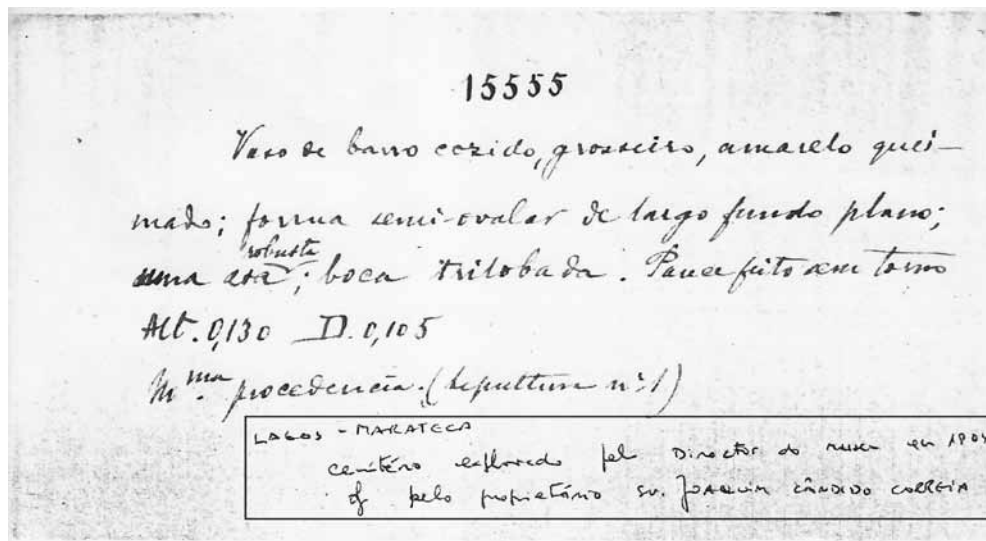
LÁM. 2: Epistola a Leite Vasconcelos, redigida por Joaquim Correia.

peças, fornecem informação sobre o local que contribuem para o desvendar dos antecedentes. No entanto, a informação contida nessas fichas contradiz-se. Informam simultaneamente que as peças foram oferecidas pelo capitão Joaquim Correia e que são provenientes de um “...cemitério explorado em 1904 pelo Sr. Dir. do museu.” Podemos deduzir que a escavação efectuada pelo capitão fora tida como sendo de Leite Vasconcelos (**Lám. 3**), à época director do museu. No entanto, a diferente caligrafia entre a descrição da peça e a proveniência obriga-nos a ponderar que o último extracto de texto foi mais tarde acrescentado.

Desta forma, sabemos que as peças foram oferecidas ao então Museu Etnológico Português. Leite Vasconcelos nunca efecturaria qualquer trabalho na necrópole da Marateca, sendo o espólio doado pelo benemerente Correia.

Certo é que no tempo de vida destes intervenientes era a pré e proto-história que mais interessava estudar e investigar. O número de sítios desta cronologia escavados no século XIX e primeira metade do século XX é, creio, superior face aos sítios de outras cronologias. O IX congresso Internacional de Antropologia e de *Arqueologia Pré-Histórica* de 1880 é prova de que interessavam mormente os referidos períodos (GONÇALVES, 1980).

Com o exposto, melhor compreendemos que Santos Rocha e depois Leite Vasconcelos seguissem também essa linha de pensamento, influenciada por uma investigação que vinha sendo fortalecida desde o século anterior. Claro que ambos os investigadores trataram igualmente o período romano. No entanto, deveremos ter em conta que ambos tinham a cargo a direcção de museus e, como afirma um deles, “...muito careciam de



LÁM. 3: Ficha de materiais do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, correspondente ao jarro de cerâmica manual.

engrandecer as suas colecções..." (ROCHA, 1895, 113).

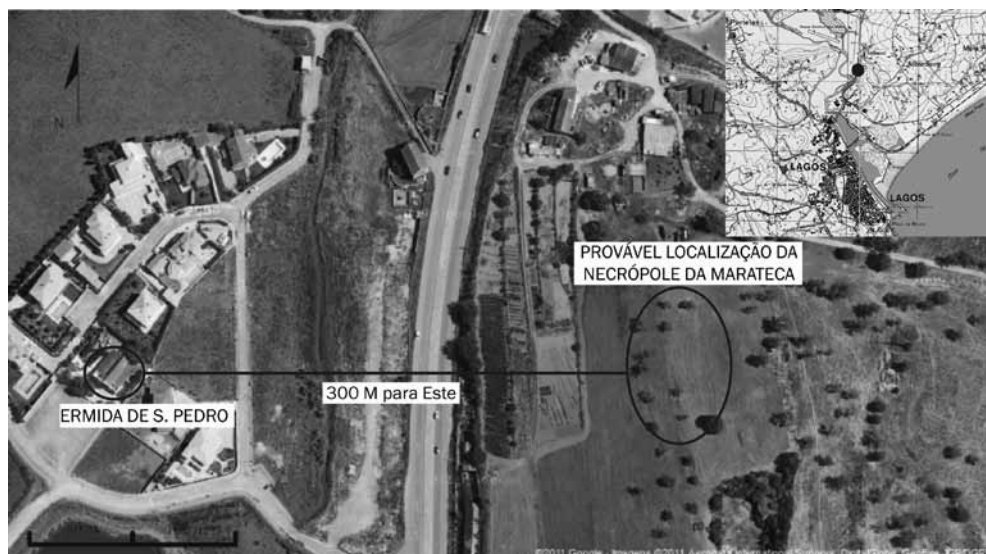
Melhor compreendemos assim o motivo que levou estes investigadores a enjeitarem a exploração desta necrópole. Se por um lado Santos Rocha, motivado em comprovar a coexistência de cerâmica de feição primitiva com materiais romanos (ROCHA, 1896) dedica ao sítio algum do seu tempo, Leite Vasconcelos, tendo já conhecimento da necrópole e vendo os materiais que lhe são cedidos, acaba por não se aventurar num período pouco notório para a época.

Já Estácio da Veiga, que tinha a cargo a elaboração da carta arqueológica do Algarve, não refere a existência deste sítio porque, possivelmente, aquando a sua passagem pelo concelho de Lagos ainda não era do conhecimento do revendo Nunes, seu delator local.

2. LOCALIZAÇÃO E TRABALHOS EFECTUADOS

A primeira informação que Santos Rocha dá sobre o local é, precisamente, uma parca localização. "...Mas se nos aproximarmos de Lagos, passando a ponte, em direcção à ermida de S. Pedro, a 300 metros pouco mais ou menos para E. deste edifício, em prédio da Sr.^a D. Theodora Amália da Silva Machado, encontramos obra de maior vulto." (ROCHA, 1896, 68). Mais afirma este investigador que a necrópole está implantada sobre uma vertente virada a oeste, imediatamente ao lado da habitação da propriedade.

Ainda que as informações sobre a localização da necrópole não sejam as mais precisas, é possível através delas determinar sensivelmente a localização da área intervencionada (**Lám. 4**). A necrópole certamente que



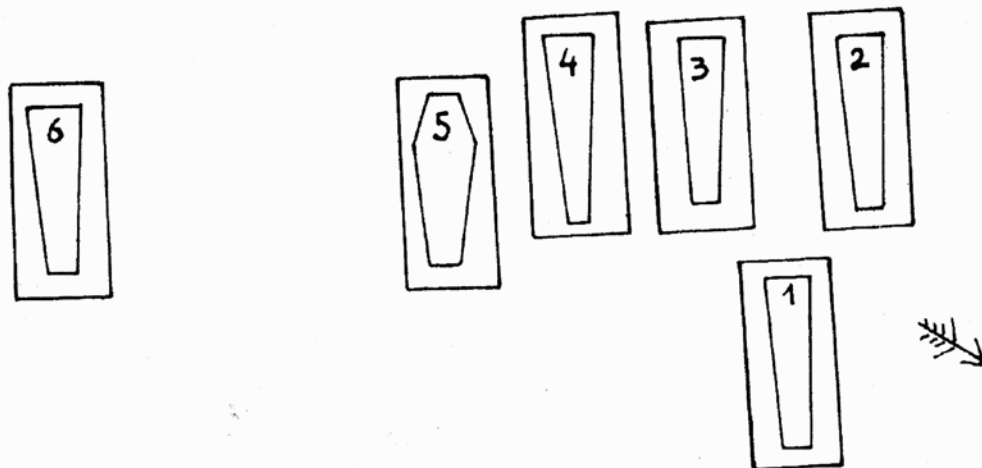
LÁM. 4: Localização da necrópole da Marateca segundo as informações de Santos Rocha (Freguesia de São Sebastião, Lagos, Portugal).

se estenderá por uma área bem mais ampla do que, como afirma o próprio, a afectada pela construção do edifício habitacional da quinta (*Ibidem*).

Não obstante as destruições notadas, Santos Rocha escava um conjunto de seis sepulturas conservadas e ainda seladas com tampas formadas por duas ou três lajes de pedra (**Lám. 5**). É de salientar que uma dessas sepulturas (sepultura 1), além das lajes, estava cimentada com uma espessa camada argamassada. Esta sepultura em especial levanta uma problemática de difícil resolução relacionada com o tipo de cobertura descrita. Embora tenhamos conhecimento de um vasto número de coberturas argamassadas no período romano, também sabemos que, com alguma frequência estas coberturas poderiam apresentar um pequeno altar, denominando-se sepulturas de tipo *mensae*.

Este tipo de estruturas sepulcrais parece ter tido origem no Norte de África, área onde encontramos maior número de sepulturas de tipo *mensa* (KADRA, 1989, 265; SÁNCHEZ RAMOS, 2005, 170) disseminando-se posteriormente um pouco por todo o mediterrâneo. Também na Península Ibérica podemos encontrar este tipo de sepultura, nomeadamente na necrópole paleocristã de Francolí, Tarragona, (AMO GUINOVAR, 1979) e na necrópole de San Antón em Cartagena (SANMARTÍN e PALOL, 1972, 447; BERROCAL CAPARRÓS e LAIZ REVERTE, 1995, 181).

Na Lusitânia, Mérida constitui, até ao momento, o local onde têm sido identificadas mais sepulturas com estas características (MATEOS CRUZ, 1993, 136; 1999, 137; BEJARANO OSORIO, 2004; MÉNDEZ GRANDE *et al.*, 2004, 439). A Bética também não é excepção, havendo sido reco-



LÁM. 5: *Planta das sepulturas escavadas por Santos Rocha (1986).*

nhecidas em Itálica, Carmona (CARRASCO GÓMEZ e DORESTE FRANCO, 2005, 213-244), Córdoba (SÁNCHEZ RAMOS, 2005) assim como em *Baelo Claudia* (ARÉVALO *et al.*, 2006) (Lám. 6 e 7). Em território actualmente Português somente foram identificadas, até ao momento, em Tróia, Setúbal (ALMEIDA e PAIXÃO, 1972; ALMEIDA, 2009, 24; CAETANO, 2002, 318).

Cronologicamente este tipo de estruturas abrange um período balizado entre o século III (MÉNDEZ GRANDE *et al.*, 2004) podendo documentar-se a sua perduração até, pelo menos, ao século VI d.C. (BERROCAL CAPARRÓS e LAIZ REVERTE, 1995, 174; MATEOS CRUZ, 1993, 137).

Este tipo de memorial funerário não tem tido consenso, nem entendimento fácil no seio da comunidade científica. Se por um lado, estas coberturas estão directamente relacionadas com o cristianismo (HERNÁNDEZ GARCÍA, 1998), para o qual contribuiu a ins-

crição da *mensae* de Tharros (DUVAL, 1982, 283, Fig. 1), não se compreende a frequente relação com a realização de banquetes funerários (MATEOS CRUZ, 1993; HERNÁNDEZ GARCÍA, 1998) considerados ímpios pela cristandade. Lembramos, neste âmbito, os Concílios Bracarense que pretendiam reforçar a proibição de levar alimentos “*ac defunctorum sepulchra*” e ainda de efectuar celebrações sobre os memoriais (LÓPEZ QUIROGA e MARTÍNEZ TEJERA, 2006, 127).

A designação de “*mensae*” tem incluído, maioritariamente, dois tipos completamente distintos de cobertura. A típica cobertura em sigma (MÉNDEZ GRANDE *et al.*, 2004) ou em meia-lua (ALMEIDA e PAIXÃO, 1974) com depressão central destinada a receber libações que tem sido associada aos ditos banquetes sem grandes hesitações e ainda uma cobertura plana com uma depressão lateral que lhe auferiu a inclusão na denominação de *mensae* (MOLINA EXPÓSITO e SÁNCHEZ



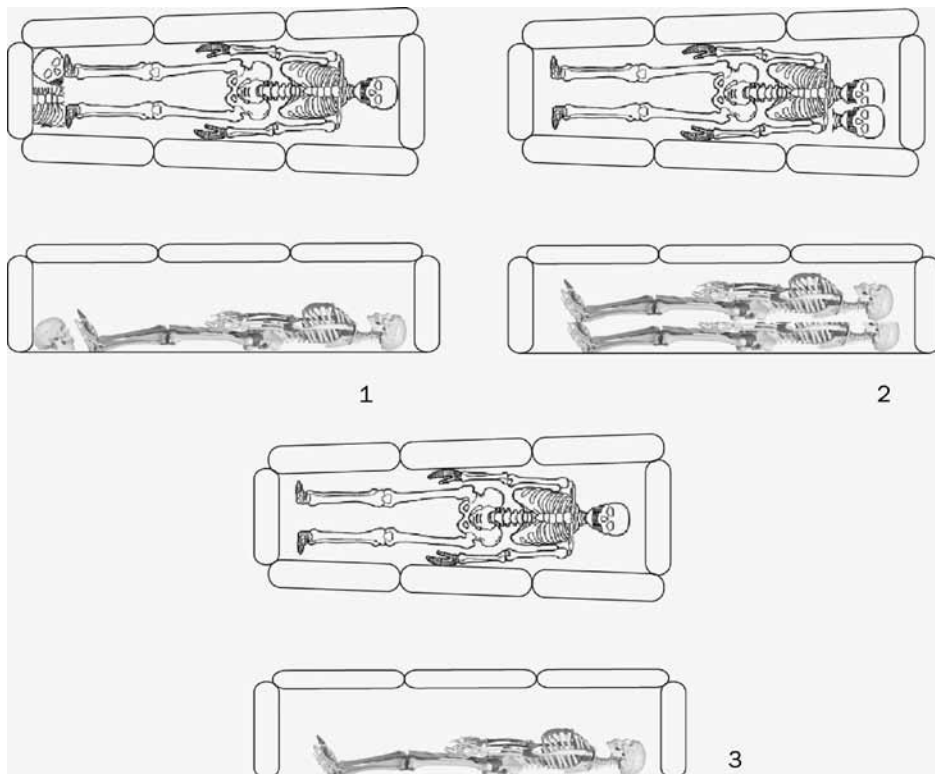
LÂM. 6: *Mensa funerária da necrópole da rua Lucano 7-9, Córdoba (Sánchez Ramos, 2007, p. 199).*



LÂM. 7: *Mensa funerária da necrópole de Hispalis, Carmona (Barrágan Valencia, 2006, p. 127).*

RAMOS, 2002-2003). Denota-se, contudo, uma tendência em incluir neste tipo toda a cobertura que apresente um pequeno altar, inclusive as *cupae* (ABED e GRIESHEMER, 2001, 584).

É possível que cada uma destas coberturas tivesse uma função completamente distinta daquela que vem sendo aplicada à totalidade das coberturas com estas características. No caso de coberturas planas com um pequeno altar lateral, ou colocado aos pés, a sua função relacionada com banquetes funerários não parece fazer tanto sentido. Como designa a própria definição do termo, este altar poderia destinar-se apenas a receber as oferendas que, como acontece actualmente, estariam directamente relacionadas com a manutenção da memória do defunto sem, contudo, ir contra os cânones resultantes de muitos dos concílios celebrados (RAMOS-LISSON, 2005; MARTÍNEZ TEJE-



LÂM. 8: *Os diferentes tipos de inumações múltiplas detectadas.*

RA, 2006; LÓPEZ QUIROGA e MARTÍNEZ TEJERA, 2006, 126).

Analisando a planta desta necrópole, e como bem salienta o arqueólogo figueirense, as sepulturas escavadas apresentam todas dimensões similares bem como uma técnica construtiva também análoga, escavadas no calcário, de forma trapezoidal e com coberturas em laje. Não obstante, como vimos, uma delas apresenta características ligeiramente díspares das enunciadas. Desconhecemos se esta sepultura apresenta uma cronologia distinta das restantes.

Curioso é verificar que a sepultura com cobertura espessa argamassada é, precisamente, aquela que se localiza fora do alinhamento das restantes (sepultura 1). Nesta sepultura foi recolhido, junto ao crânio, o único vaso que o arqueólogo figueirense exumou e de que desconhecemos o paradeiro. Mais informa que junto aos pés do esqueleto detectou ossadas de um outro que teria sido inumado antes e que fora aí agrupado para dar lugar a um outro enterramento.

Santos Rocha confessa a determinado momento que esta era a melhor sepultura

(ROCHA, 1896, 72). Supomos que com essa afirmação quereria dizer que era a melhor sepultura do ponto de vista construtivo e também por nela ter sido recolhida a única peça da escavação.

Quanto à deposição dos esqueletos, além da sepultura já mencionada (**Lám. 8, 1**), é referida uma outra onde se constataram de igual forma duas inumações que se sobrepõem, mas sem que a primeira tenha sido aglomerada em alguma das extremidades do sepulcro (ROCHA, 1896, 71). O que significa que, caso não tenham sido sepultados em simultâneo, o primeiro cadáver ainda não havia sido consumido, portanto, quando é colocado o segundo (**Lám. 8, 2**). As restantes tinham um único esqueleto na mesma posição, decúbito *supino* (**Lám. 8, 3**).

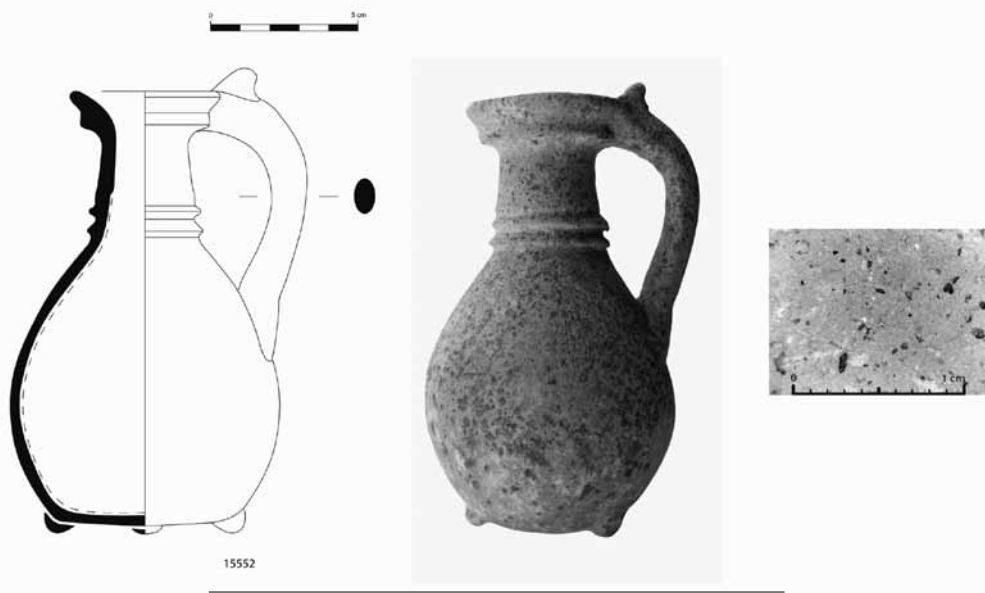
Da escavação efectuada pelo capitão Joaquim cândido Correia desconhecemos qualquer tipo de divulgação ou informação

que nos permita falar sobre as estruturas sepulcrais, associação material ou disposição dos cadáveres. Sabemos apenas que terá escavado cerca de quatro sepulturas que, juntamente com as seis escavadas por Santos Rocha, perfazem um total de dez sepulcros escavados.

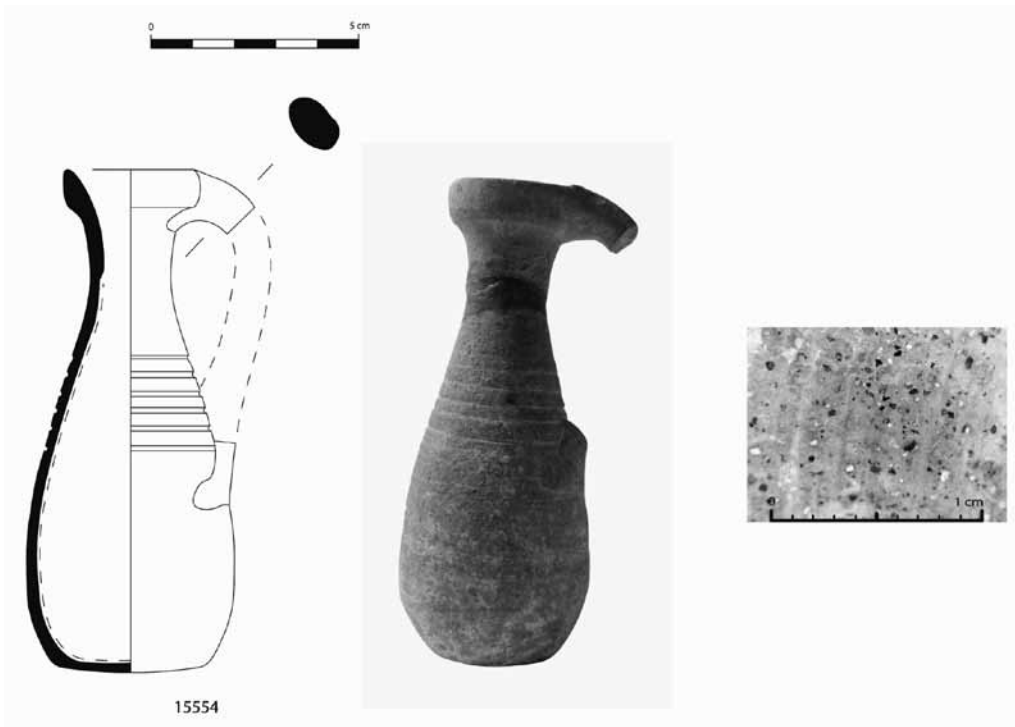
3. OS MATERIAIS

Do conjunto regista-se um total de cinco peças, seis se tivermos em conta a peça recolhida por Santos Rocha e da qual se desconhece o paradeiro (ROCHA, 1905). Destas, três correspondem a peças produzidas a torno e as restantes duas são produções manuais.

O exemplar mais característico deste conjunto corresponde a um jarro de bordo exvertido bífido, colo curto e estrangulado com dois relevos na base deste, corpo de



LÁM. 9: Jarro litúrgico proveniente da necrópole da Marateca.



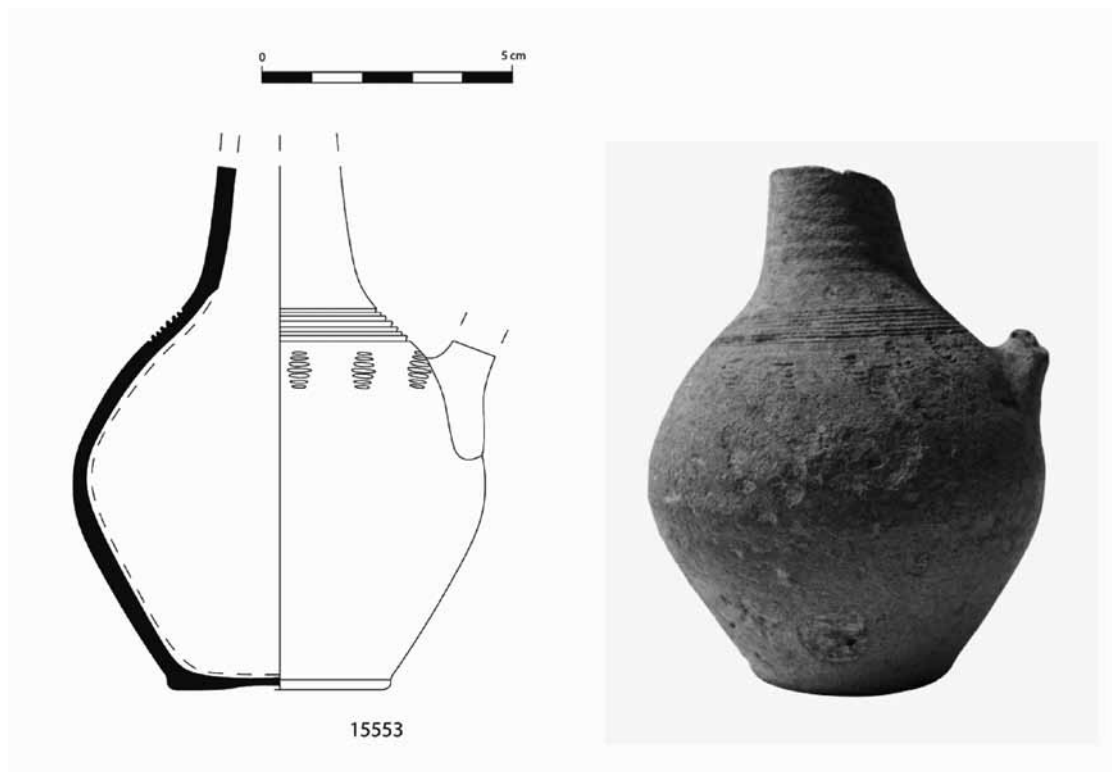
LÂM. 10: Jarro do tipo 2B de Flörchinger.

tendência globular e base convexa com três pequenos pés correspondentes a três protuberâncias. Destaque ainda para uma outra protuberância localizada no topo da asa, junto ao bordo, que teria como finalidade o apoio do polegar, característica típica de jarros litúrgicos de bronze (**Lâm. 9**).

Este tipo de peça não é muito comum em contextos de antiguidade tardia no território actualmente português. Até ao momento temos conhecimento de um exemplar afim proveniente do Montinho das Laranjeiras, também depositado no Museu Nacional de Arqueologia, e que o autor data do século VII d.C. (COUTINHO, 2007, 292, foto 8). Tendo em conta que estamos perante exemplares de morfologia ligeiramente distintas, pensa-

mos que o jarro da Marateca possa ser datado do século VI d.C. e primeira metade da centúria seguinte, a par dos restantes materiais.

Do conjunto identificou-se ainda um jarro correspondente ao tipo 2B de Flörchinger (1998, 9) característico de bordo ligeiramente exvertido engrossado externamente, colo estrangulado e corpo piriforme com a base convexa (**Lâm. 10**). Para esta forma a autora propõe uma cronologia que ronda o final do século VI e início da centúria seguinte. Mais uma vez, é no Montinho das Laranjeiras que podemos encontrar um paralelo exacto para esta forma. Apresenta, contudo, as protuberâncias do exemplar anteriormente descrito (COUTINHO, 2007, 292, n.º 4).



LÁM. 11: Jarro com decoração "a pente".

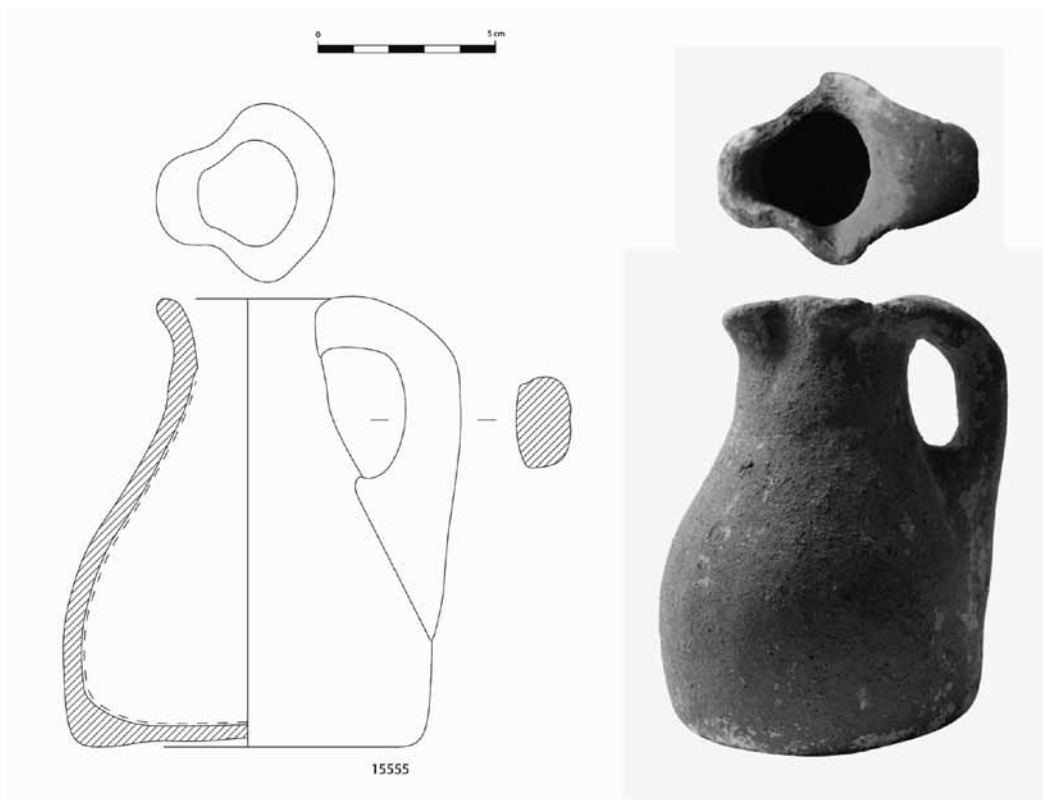
Esta peça em concreto parece ser bastante comum em contextos funerários centrado nos séculos VI e VII d.C., especialmente no sul ibérico. Poderemos encontra-los em Mérida (OLMEDO GRAJERA e VARGAS CALDERÓN, 2004, 41), em Munigua (EGER, 2006, 150) e em Córdoba (MORENO ALME-NARA e GONZÁLEZ VÍRSEDA, 2005, 202).

A análise macroscópica dos dois recipientes descritos parece apontar para produções características da actual Andaluzia espanhola, coincidindo com a zona de maior disseminação desta forma, possivelmente da área do Guadalquivir.

Mais problemático é o exemplar correspondente a um jarro com decoração "a

pente". Infelizmente não está totalmente conservado, o que facilitaria a sua inserção num tipo específico. Corresponde a um jarro de corpo tendencialmente piriforme, asa de fita que arranca da parte superior do corpo e abaixo da decoração em linhas horizontais e base ligeiramente côncava. Apresenta ainda, abaixo da decoração penteada, círculos com linhas horizontais concebidos mediante a mesma técnica (**Lám. 11**).

Este tipo de jarro está muito bem documentado na necrópole de El Ruedo, em Córdoba, podendo corresponder ao tipo 3A da mesma tipologia (CARMONA BERENQUER, 1991, 374). Apresenta inclusive a mesma decoração a penteado. A autora data esta for-



LÁM. 12: *Jarro de cerâmica manual de boca trilobada.*

ma de pleno século VII d.C. reconhecendo, contudo, que pode ser anterior à proposta avançada.

Os dois jarros de produção manual são morfologicamente similares. Apresentam o bordo aplanado de boca trilobada, colo curto e estrangulado, corpo grosseiro de paredes baixas e rectas e fundo plano. Ostentam ainda uma asa grosseira que, saindo do bordo, se une ao corpo da peça (**Lám. 12**). Cronologicamente este tipo de jarro tem sido datado entre finais do século IV e todo o século V (FLÖRCHINGER, 1988, 15; COUTINHO, 2007, 294), abundante na maioria dos sítios tardios.

Trata-se claramente de produções locais/regionais que, com especial destaque a partir do século VI d.C., ganham um grande impulso. Efectivamente, aquilo que Santos Rocha pretendia comprovar, a convivência de moedas romanas com cerâmicas de feição primitiva, é resultado de um aumento das cerâmicas manuais no consumo das comunidades da Antiguidade Tardia. O motivo que potenciou esta realidade é algo que não se poderá atribuir a um único factor. Poderá ser resultado de um decréscimo do poder aquisitivo ou, inclusive, de um reduzir de bens importados considerados de luxo promovido por uma nova crença que vê a simplicidade como um modo de vida.

4. EM JEITO DE CONCLUSÃO

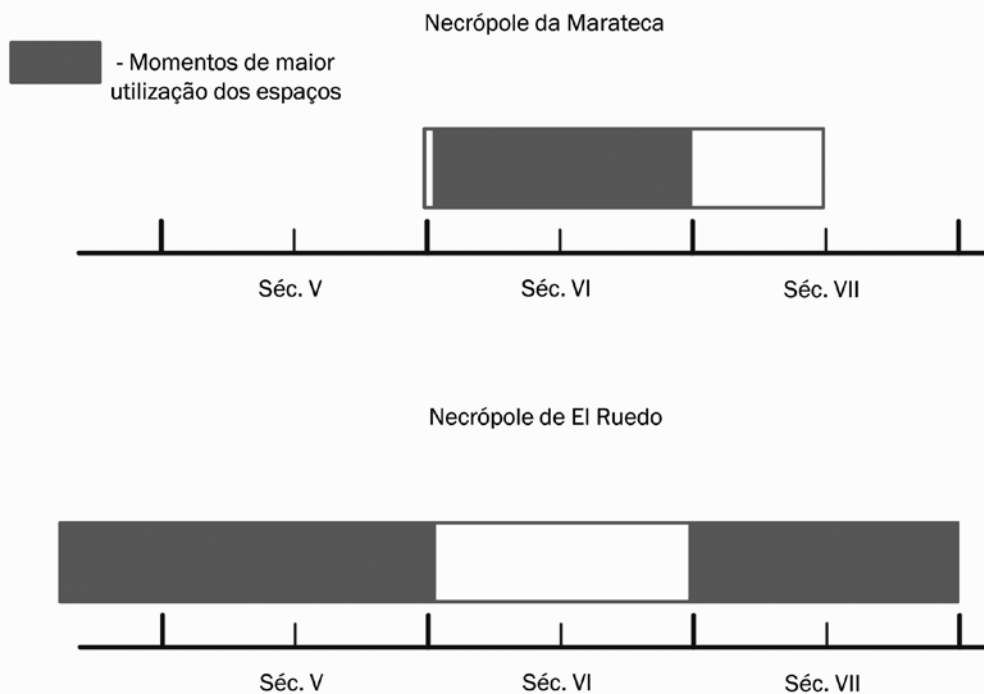
Como podemos observar, as cerâmicas em análise não apresentam uma datação consistente. Não obstante, deveremos ter em conta que, além do período de amortização dos exemplares, estamos perante uma realidade distinta comparativamente a centros de habitat. Tendo em conta a funcionalidade deste sítio arqueológico, parece desnecessário desmontar a cronologia de cada peça para que assim possamos encontrar uma baliza temporal.

Cada uma destas peças pode corresponder a sepulturas diferentes as quais deverão ter sido realizadas em momentos distintos,

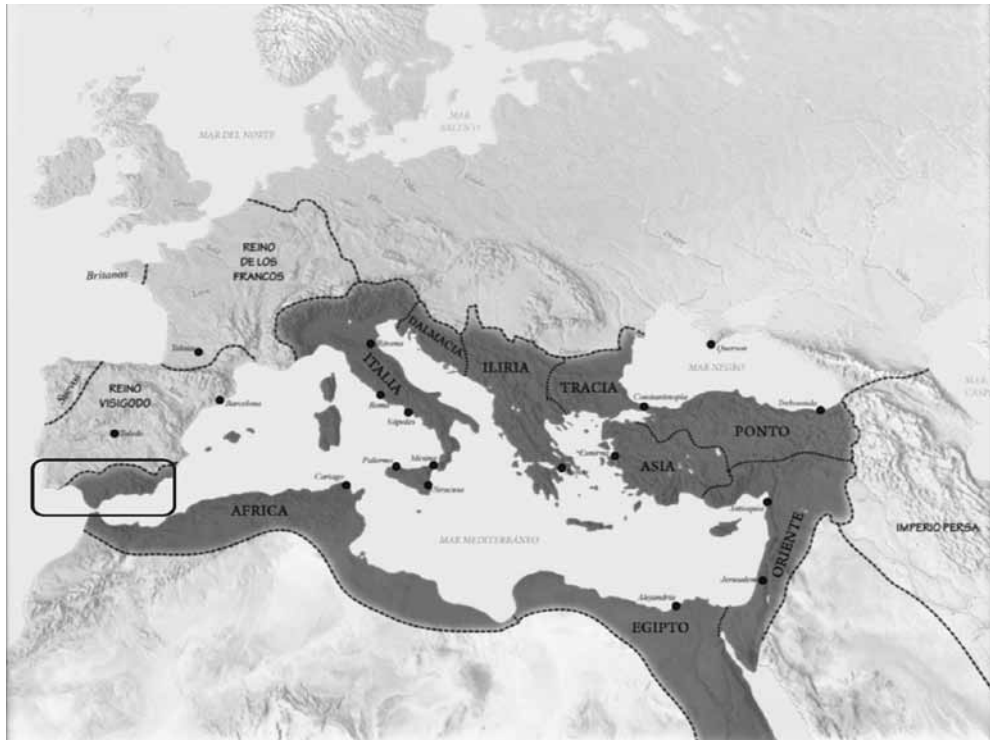
ainda que cronologicamente afins, como se constatará.

Sobre a necrópole da Marateca, genericamente inserida no período romano, podemos agora avançar que terá operado num momento limitado entre o século VI e a primeira metade do século VII d.C. Infelizmente os dados de que dispomos para datar os enterramentos são parcos, contudo, a ausência de materiais nas sepulturas permite também aludir algumas considerações.

Outras necrópoles ligeiramente mais antigas, como é o caso da necrópole de Dehesa de la Casa, Cuenca (BARROSO CABRERA e LÓPEZ REQUENA, 1994), apresentam conjuntos materiais distintos e uma presença



LÂM. 13: *Balanço cronológico entre a necrópole da Marateca e a necrópole de El Ruedo.*



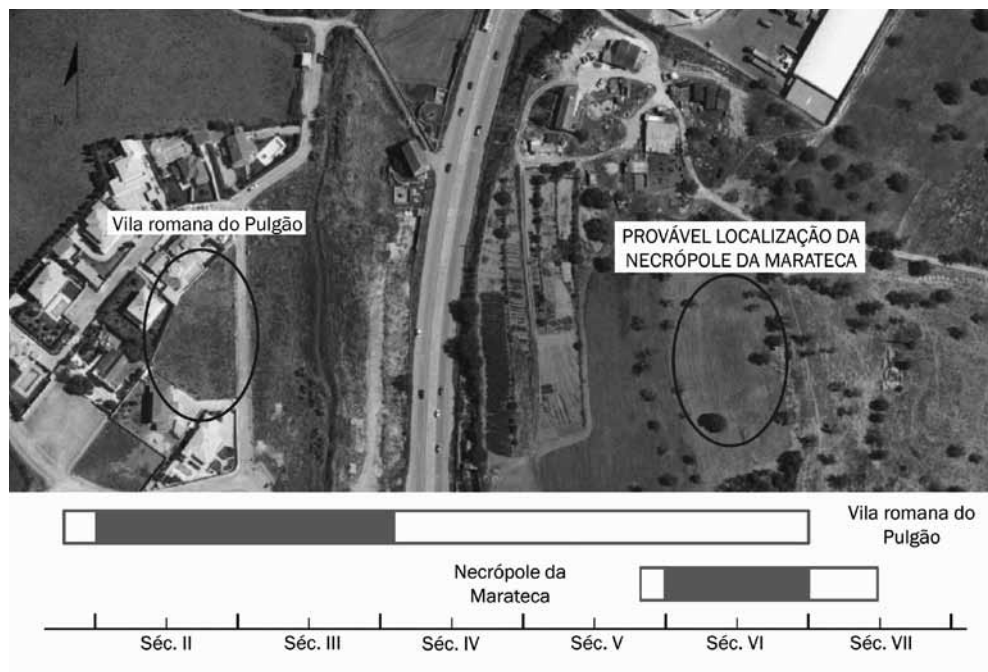
LÁM. 14: *O império Romano do Oriente durante o reinado de Justiniano.*

de adornos pessoais elevado. Também na necrópole de El Ruedo se admite que as inumações com abundantes elementos pessoais possam corresponder a enterramentos ligeiramente mais antigos (CARMONA BERENQUER, 1991, 372). Não obstante, está ainda por esclarecer tal proposta (Lám. 13).

Curioso é observar que as cerâmicas exumadas nesta necrópole apresentam evidentes afinidades com conjuntos votivos da Andaluzia. No território actualmente Português somente na parte oriental do Algarve podemos encontrar paralelos para estas cerâmicas.

Ainda que estejamos a tratar um período pouco explorado em território nacional, difi-

cultando uma análise comparativa com outros sítios, não deixa de ser curiosa esta afinidade de espólio com uma área que em pleno século VI d.C. está sob influência bizantina (Lám. 14), que somente no ano de 624 terá deixado *Ossonoba* (LOPES, 1958-59, 134; ALMEIDA, 1962, 25-38; GARCÍA MORENO, 1987, 334). Também os próprios ritos se encontram aí bem documentados, exéquias em decúbito *supino*, em alguns casos com uma peça colocada sobre o ombro direito do corpo e ao lado da cabeça (CARMONA BERENQUER, 1991; BARROSO CABRERA e LÓPEZ REQUENA, 1994; EGER, 2006), ocupando por vezes sepulturas já utilizadas.



LÁM. 15: *Localização da vila romana do Pulgão.*

A realidade coeva documentada na área da actual Estremadura espanhola, ainda que apresente afinidades rituais, poderá ser ligeiramente distinta do ponto de vista cultural (OLMEDO GRAJERA e VARGAS CALDERÓN, 2004; CANTILLO VÁZQUEZ, *et al.*, 2004), embora, como foi referido, ambas as culturas se influenciem mutuamente.

Admitimos que a presença deste império foi demasiado breve no Algarve, além de as frequentes relações com o oriente e a progressiva adaptação da corte visigoda aos modelos de Bizâncio terem permitido um intercâmbio cultural nem sempre fácil de distinguir (IGNÁCIO, 2005, 89).

Mas se o sítio da Marateca corresponde a uma necrópole, possivelmente de âmbito rural, não poderíamos deixar de equacionar a

proximidade da *villa* romana e tardo-romana do Pulgão (TEICHNER *et al.*, 2010) localizada a pouco mais de 300m (Lám. 15). Ainda que o momento auge de ocupação deste espaço tenha sido documentado nos séculos II e III d.C. (TEICHNER *et al.*, 2010, 260), os autores admitem uma permanência ocupacional no local até, pelo menos, os séculos V e VI d.C. (*Ibidem*, 265).

Infelizmente, os dados desta necrópole não são ainda suficientes para podermos assegurar tal associação. A cultura material da Marateca além de escassa e um pouco mais tardia, não apresenta correlações com os poucos materiais publicados até ao momento da vila romana do Pulgão. Aguardamos que trabalhos futuros, num ou no outro sítio, possam contribuir para a corroboração, ou não,

das gentes sepultadas na necrópole da Marateca poderem ser aquelas que habitaram na vila romana recentemente escavada.

Temos ainda conhecimento que também a actual cidade de Lagos, mais distante, estava ocupada durante este período (RAMOS *et al.*, 2007). No entanto, mais uma vez lidamos com realidades distintas, e também materiais distintos. Se a Marateca se relaciona directamente com uma função eminentemente ritual, estes contextos identificados sob a cidade de Lagos correspondem a um complexo industrial de preparados piscícolas onde a cultura material recolhida é completamente distinta daquela exigida em contextos funerários.

Acresce a esta problemática o facto de a ocupação de ambos não parecer coincidir cronologicamente. Tendo em conta os materiais, parece evidente que quando o complexo industrial deixa de ser ocupado, a área de necrópole começa a receber os primeiros cadáveres, mantendo essa função durante cerca de um século e meio.

Reconhecemos que os dados deste sítio, existentes até ao momento, não permitem uma leitura clara ou uma associação a um núcleo de habitat no contexto da dinâmica ocupacional na área da baía de Lagos. Futuros trabalhos poderão vir a alterar significativamente os dados avançados, nomeadamente o âmbito cronológico.

BIBLIOGRAFIA

ABED, A. e GRIESHEIMER, M. (2001): "Fouilles de la nécropole romaine de Pupput (Tunisie)". In *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 145e année, N. 1. Paris, p. 553-592.

ALMEIDA, F. (1962): "Arte visigótica em Portugal". In *O Arqueólogo Português*, S. 2, Vol. IV. Lisboa, p. 6-278.

ALMEIDA, F. e PAIXÃO, J. (1978): "Um tipo raro de sepultura romana (Tróia)". In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, p. 322-333.

ALMEIDA, J. (2009): *A necrópole romana da Caldeira, Tróia de Setúbal. Escavações de Manuel Heleno nas décadas de 40-60 do século XX*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa para obtenção do grau de Mestre.

AMO GUINOVART, M^a. (1979): *Estudio crítico de la necrópolis paleocristiana de Tarragona*. Diputación Provincial de Tarragona, Tarragona.

ARÉVALO, A., BERNAL, D., MUÑOZ, A., GARCÍA, I. e MACÍAS, M. (2006): "El mundo funerario tardorromano en Baelo Claudia. Novedades de las intervenciones arqueológicas del 2005 en la muralla oriental". In *Anales de Arqueología Cordubesa*, 17, Vol. II. Córdoba, p. 61-84.

ARRUDA, A. e PEREIRA, C. (2012): "De Santa Olaia a Bensafirim: Itinerários e percursos de Santos Rocha no Algarve". In VILAÇA, R. e PINTO, S. (Coords.): *Santos Rocha. A arqueologia e a sociedade do seu tempo*. Figueira da Foz, p. 133-151.

BARROSO CABRERA, R. e LÓPEZ REQUENA, M. (1994): *La necrópolis de la Dehesa de la Casa. Una aproximación al estudio de la época visigoda en la provincia de Cuenca*. Madrid.

BEJARANO OSORIO, A. (2004): *El Mausoleo del Dintel de los Ríos. Los contextos funerarios tardíos en Augusta Emerita*. Mérida.

BERROCAL CAPARRÓS, M^a C. e LAIZ REVERTE, M^a D. (1995): "Tipología de enterramientos en la

- necrópolis de San Antón en Cartagena". *IV Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispánica*. Barcelona, p. 173-182.
- CAETANO, J. C. (2002): "Necrópoles e ritos funerários no Ocidente da Lusitania Romana". In VAQUERIZO GIL, D. (ed.) - *Espacio y usos funerarios en el Occidente romano*, Vol. I. Córdoba, p. 313-334.
- CANTILLO VÁZQUEZ, M.^a, PÉREZ MAESTRO, C. e OLMEDO GRAJERA, A. (2007): "Intervención arqueológica realizada en durante la obra de la A – 66 (variante Mérida – Autovía de la Plata)". In *Mérida, Intervenciones Arqueológicas*, 10. Mérida, p. 77-89.
- CARMONA BERENQUER, S. (1991): "Estudio tipológico de la cerámica funeraria de la necrópolis de El Ruedo. Almedinilla. Cordoba". In *Anales de Arqueología Cordubesa*, 2. Córdoba, p. 371-394.
- CARRASCO GÓMEZ, I. e DORESTE FRANCO, D. (2005): "Continuidad de un espacio funerario en Sevilla. Excavaciones arqueológicas en el entorno de la Trinidad". In *Romula*, 4. Sevilha, p. 213-244.
- CATARINO, H. (2007): "Arqueologia da antiguidade tardia e do período islâmico do Algarve na época de Estácio da Veiga". In *Xelb*, 7. Silves: Museu Municipal de Arqueologia, p. 179-194.
- COUTINHO, H. (2007): "Cerâmica dos séculos VI e VII do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim) depositada no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)". In *Xelb*, 7. Silves, p. 283-302.
- DUVAL, N. (1982): *Une mensa funéraire de Tharros (Sardaigne) et la collection chétienne du Musée de Cagliari*. Etudes augustiniennes. Paris.
- EGER, C. (2006): "Tumbas de la antigüedad tardía en Munigua. Tipos de tumba, ritos de enterramiento y ajuares funerarios en una pequeña ciudad del sur de España en los siglos III/IV a VII". In *Anales de Arqueología Cordubesa*, 17, Vol. II. Córdoba, p. 137-160.
- FLÖRCHINGER, A. (1998): *Romanische Gräber in Südspanien*. Beigaben- und Bestattungssitte in westgotenzeitlichen Kirchenkriegergräbern, Rahden/Westf.
- GARCÍA MORENO, L. (1987): "La arqueología y la historia militar visigoda en la Península Ibérica". In *Actas del II Congreso de Arqueología Medieval Española*, II. Madrid, p. 331-336.
- GONÇALVES, V. (1980): *O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa 1880): uma leitura seguida de crónica de Bordalo Pinheiro*. Lisboa, CHUL.
- HERNÁNDEZ GARCÍA, J. (1998): "La necrópolis tardorromana del Molino. paganismo y cristianismo en un mismo espacio cementerial (Águilas, Murcia)". In *Memorias de Arqueología*, 13. Murcia, p. 171-210.
- INÁCIO, I. (2005): *A necrópole de Vale de Condes, Alcoutim no contexto da antiguidade tardia do Algarve*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Mestre.
- KADRA, K. (1989): "Nécropoles tardives de l'antique Theveste: Mosaïques funéraires et mensae". In *L'Africa Romana*, 6. Sassari, p. 265-275.
- LOPES, F. (1958-59): "Do Algarve bizantino". In *Bracara Augusta*, 9-10. Braga, p. 126-136.
- LÓPEZ QUIROGA, J. e MARTÍNEZ TEJERA, A. (2006): "El destino de los templos paganos en Hispania durante la Antigüedad Tardía". In *Archi-vo Español de Arqueología*, 79. Madrid, p. 125-153.
- MARTÍNEZ TEJERA, A. (2006): "Arquitectura cristiana en Hispania durante la antigüedad tardía (siglos IV-VIII)". In LÓPEZ QUIROGA, J; MARTÍNEZ TEJERA, A. M. y MORÍN DE PABLOS, J. (eds.): *Gallia e Hispania en el contexto de la presencia «germánica» (ss. V-VII): Balance y perspectivas*. BAR International Series 1534. Oxford, p. 109-197.

- MATEOS CRUZ, P. (1993) –“Estruturas funerarias de origen norteafricano en la necrópolis cristiana de Mérida”. In *Anas*, 6. Mérida, p. 127-142.
- MÉNDEZ GRANDE, G., OJEDA ZARALLO, M. e ABAD ALONSO, A. (2004):“Extracción, restauración y documentación de una *mensa* funeraria decorada en *Augusta Emerita*”. In *Memoria*, N.º 7. Mérida, p. 439-453.
- MOLINA EXPÓSITO, A. e SÁNCHEZ RAMOS, I. (2002-2003):“Una aportación a las necrópolis tardoromanas de Corduba: el sector funerario de la calle Lucano n.º 7 y 9 de Córdoba”. In *Anales de Arqueología Cordubesa*, 13-14. Córdoba, p. 355-389.
- MORENO ALMENARA, M. e GONZÁLEZ VÍRSEDA, M. (2005):“Dos tumbas hispanovisigodas del teatro de la Axerquia de Córdoba”. In *Anales de Arqueología Cordobesa*, 16. Córdoba, p. 193-206.
- OLMEDO GRAJERA, A. e VARGAS CALDERÓN, J. (2007):“Una qarya emiral de la kura de Marida. Intervención arqueológica en la finca “Royanejos””. In *Mérida, Intervenciones Arqueológicas*, 10. Mérida, p. 15-46.
- RAMOS, C., LAÇO, T., ALMEIDA, R. e VIEGAS, C. (2007):“Les céramiques communes du VIe s. du complexe industriel de salaisons de poisson de Lagos (Portugal)”. In *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean. Archeology and Archaeometry*. B.A.R Inter. ser. 1662 (I). Oxford, p. 85-97.
- RAMOS-LISSON, D. (2005):“El concilio de Elvira en la historiografía moderna”. In SOTOMAYOR, M. e FERNÁNDEZ UBIÑA, J. (Cords.) - *El Concilio de Elvira y su tiempo*. Universidad de Granada, p. 65-88.
- ROCHA, A. dos S. (1895):“Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve. Memórias e explorações arqueológicas III. Memórias sobre a Antiguidade”. In *O Arqueólogo Português*, S. 1, Vol. 1. Lisboa, p. 113-116.
- ROCHA A. dos S. (1896):“Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve”. In *O Arqueólogo Português*, S. 1, Vol. 2. Lisboa, p. 65-79.
- ROCHA A. dos S. (1905):*O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálogo geral*. Figueira da Foz.
- SÁNCHEZ RAMOS, I. (2005):“Las necrópolis de Córdoba durante la antigüedad tardía”. In *AnMurcia*, 21. Murcia, p. 165-177.
- SANMARTIN, P. e PALOL, P. (1972):“La necrópolis paleocristiana de Cartagena”. *Actas del VIII Congreso Internacional de Arqueología Cristiana*. Città del Vaticano, p. 447-458.
- SANTOS, M.ª L. (1971):*Arqueologia Romana do Algarve*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Vol. I. Lisboa.
- TEICHNER, F., MORÁN, E., GONÇALVES, A. e ROMÃO, C. (2010):“A villa romana de S. Pedro do Pulgão - resultados preliminares”. In *Xelb*, 10. Silves, p. 253-266.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1904):“Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos históricos”. In *O Arqueólogo Português*, vol. IX. Lisboa, p. 200-210.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1905):“Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos históricos”. In *O Arqueólogo Português*, vol. X. Lisboa, p. 107-118.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1910):“Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos históricos”. In *O Arqueólogo Português*, vol. XV. Lisboa, p. 209-233.

MANUSCRITOS

- CORREIA, J. (1904):*Correspondência pessoal recebida por José Leite de Vasconcellos a 28-03-1904*. Acessível no legado do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Portugal.
- VEIGA, E. da (1883):*Inventário do Museu Archeológico do Algarve*, fundado em 1880 na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa. Acessível no

legado do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Portugal.

VEIGA, E. da (1885): *Inventário do Museu Arqueológico do Algarve*, fundado em 1880 na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa. Acessível no legado do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Portugal.

VEIGA, E. da: *Apontamentos pessoais de Estácio da Veiga*. Acessíveis no legado do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Portugal.